

## RAPADURA É DOCE, MAS NÃO É MOLE: UM ESTUDO DAS RELAÇÕES RETÓRICAS

### SUGAR CANE SQUARE IS SWEET BUT IT IS NOT SOFT: A STUDY OF RHETHORICAL RELATIONS

*Ana Clara Gonçalves Alves de MEIRA\**

**Resumo:** O estudo das orações é orientado por critérios sintáticos e/ou semânticos. Propõe-se, então, um trabalho que não se prenda ao nível da frase. Como referencial teórico, utilizar-se-á a Teoria da Estrutura Retórica do Texto (RST/ *Rhetorical Structure Theory*). Para análise das orações, será usado um provérbio retirado de um texto da internet. Nota-se que observar as porções textuais, atendo-se somente ao nível da frase, torna-se insuficiente. É preciso, então, considerar os critérios pragmáticos.

**Palavras-chave:** Articulação de orações; Provérbios; Teoria da Estrutura Retórica do Texto.

**Abstract:** The study of clauses is guided by syntactic and/or semantic criteria. So, it is proposed a work that does not hold at the level of the sentence. As theoretical reference, it will be used the Rhetorical Structure Theory of text (RST). For the clauses analysis, it will be used a proverb from one text of internet. It is noted that observing the textual parts, taking into account only the sentence level, it becomes insufficient. It needs to consider pragmatic criteria too.

**Keywords:** Clauses Combining; Proverbs; Rhetorical Structure Theory.

## Introdução

Quando se estudam as orações e suas classificações como coordenadas e subordinadas, nota-se que a diferença entre esses conceitos orienta-se, principalmente, em termos como dependência e independência. Ademais, semelhantes definições se prendem ora a critérios sintáticos, ora a critérios semânticos. Desse modo, questiona-se: tais critérios são suficientes?

---

\* Doutoranda em Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos/ Universidade Federal de Minas Gerais, bolsista CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior). Contato: [anaclarameira@hotmail.com](mailto:anaclarameira@hotmail.com).

Acredita-se que não se devem analisar as orações sem observar também os aspectos pragmáticos, a situação comunicativa, o contexto em que tais orações estão inseridas. Assim, pretende-se observar, aqui, como as relações implícitas que emergem das orações que se articulam em um determinado contexto podem ser importantes para a análise das orações.

Este trabalho corresponde a um recorte da minha dissertação na qual foi proposto um trabalho com orações proverbiais. Para o estudo com orações proverbiais, preocupou-se em selecionar provérbios que estivessem inseridos em alguma situação discursiva. Nesse sentido, no primeiro momento, selecionaram-se provérbios de dicionários de provérbios e, em seguida, procurou-se a ocorrência deles em textos por meio do *site* de busca *Google*. O intuito de analisar provérbios inseridos em textos diversos é procurar demonstrar como o contexto também exerce um papel relevante na análise das orações.

Pretende-se, então, fazer uma revisão da literatura de alguns gramáticos no que diz respeito a definições como coordenação e subordinação. Em seguida, será feita uma introdução aos estudos da Teoria da Estrutura Retórica do Texto (*RST/Rhetorical Structure Theory*), já que ela se pauta em critérios pragmáticos para o estudo de orações. Ademais, serão apresentadas as principais características do gênero proverbial, a fim de se tentar delimitar esse gênero o qual exercerá um papel significativo neste trabalho.

## **1 Revisão da Literatura**

### **1.1 Definições de Coordenação e Subordinação nas Gramáticas Tradicionais**

No que se refere a definições como coordenação e subordinação, nota-se que, para Bechara (1968), a coordenação é “a seqüência de orações em que uma não exerce função sintática da outra” (p. 269); quanto à subordinação, ele afirma que essa se refere “à seqüência de orações em que uma é um termo sintático de outra” (p. 269).

Uma diferença significativa entre Bechara (1968) e a maioria dos gramáticos é o fato de ele propor que a distinção estabelecida entre as orações não deve se focar na diferença entre coordenadas e

subordinadas, mas sim dependentes e independentes. O que se pretende mencionar é que, enquanto os outros gramáticos partem de termos como coordenação e subordinação para classificarem as orações em dependentes e independentes, Bechara (1968) as classifica em dependentes e independentes para, depois, apresentar termos como coordenação e subordinação. Ressalte-se que a dependência e a independência por ele tratada diz respeito a critérios sintáticos. Assim, analisando o período: *Espero que estudes e que venças na vida* (BECHARA, 1968, p. 269), as orações *que estudes e que venças na vida* são classificadas como independentes, já que não exercem nenhuma função sintática entre si, sendo, portanto, coordenadas. Entretanto, quando observa as três orações: *Espero, que estudes e que venças na vida*, Bechara (1968) classifica a primeira como principal e as outras duas, como dependentes. Logo, as orações *que estudes e que venças na vida* seriam subordinadas em relação à *Espero*, mas estariam coordenadas entre si. Nesse sentido, Bechara (1968) postula:

a maioria dos tratadistas tem colocado em pontos opostos coordenação e subordinação, mas um exame detido nos patenteia que a oposição que se deve estabelecer não é entre orações coordenadas e subordinadas, mas entre orações dependentes e independentes. A coordenação é um processo de estruturação de orações de mesmo valor sintático, quer sejam independentes (onde a equivalência é permanente) ou dependentes (onde a equivalência se dá quando exercem idêntica função sintática). Infelizmente a NGB, embora reconhecendo que “coordenadas entre si podem estar quer principais, quer independentes, quer subordinadas”, não rompeu com a tradicional oposição que aqui pomos de lado (BECHARA, 1968, p. 269).

Para Lima (1968, p. 251), a coordenação seria a “apresentação de um pensamento global pela sucessão de orações de sentido independente”. Já a subordinação apresentaria “uma oração principal e uma ou mais que representam desdobramentos de vários termos dela. As diversas funções sintáticas são exercidas pelo substantivo, pelo adjetivo, pelo verbo e pelo advérbio [...]” (p. 253). Percebe-se que uma das diferenças entre Lima (1968) e Bechara (1968) é que o primeiro não define coordenação somente baseado em critérios sintáticos, já

que, para ele, a coordenação possui sentido independente. Assim, utiliza-se de critérios também semânticos para classificar as orações.

Bueno (1968) considera a oração coordenada como aquela que possui sentido, não precisando de outras para que seja compreendida. Quanto às subordinadas, define-as como as que dependem de uma que lhe seja principal, destacando que, sozinhas, não configuram sentido completo. Entende-se, então, que Bueno (1968) faz uso somente de critérios semânticos para definir a coordenação e a subordinação.

Cunha (1971) afirma que a coordenação se constitui de “orações autônomas, independentes, isto é, cada uma tem sentido próprio e não funcionam como termos de outra oração, nem a eles se referem: apenas, uma pode enriquecer com o seu sentido a totalidade da outra” (CUNHA, 1971, p. 399). No que se refere às subordinadas, classifica-as como aquelas que funcionam como termos essenciais, integrantes ou acessórios de outra oração. Assim como Lima (1968), Cunha (1971) leva em conta os aspectos semânticos para conceituar a coordenação e os sintáticos para a subordinação.

Cegalla (1997) definirá a coordenação observando somente os aspectos sintáticos. Já para a subordinação, ele se pauta em critérios sintáticos e semânticos. Desse modo, as coordenadas serão independentes sintaticamente e as subordinadas, por outro lado, dependentes sintaticamente e semanticamente.

Bechara (2006), ao tratar de subordinação, introduz o termo hipotaxe, o qual não havia sido mencionado em Bechara (1968). Sobre a hipotaxe ou subordinação, ele a define como um fenômeno de estruturação das camadas gramaticais em que uma das orações passa a uma camada inferior e, desse modo, funciona como membro sintático da outra. Para que se entenda o que seria *passar a uma camada inferior*, cita-se: *Maria não notou que Luiz estava lá*<sup>18</sup>. Nesse exemplo, conforme as definições de Bechara (2006), *que Luiz estava lá* funciona como membro sintático e passa a ser uma camada inferior da oração *Maria não notou*.

Sobre as coordenadas, ele afirma que são sintaticamente independentes e apresenta alguns exemplos, tais como: *Mário lê muitos livros e aumenta sua cultura* (BECHARA, 2006, p. 349). Bechara explica que é perceptível a independência sintática dessas

---

<sup>18</sup> Exemplos nossos.

orações, pois, se a oração *Mário lê muitos livros* for desmembrada, encontram-se todos os termos sintáticos previstos na relação predicativa: o sujeito – Mário –; o predicado – lê muitos livros – e o objeto – muitos livros. Nessa perspectiva, nota-se que, em Bechara (2006), ainda se depara com uma distinção de coordenadas e subordinadas baseada em aspectos sintáticos.

Já Cunha e Cintra (2008) não passam explicitamente a definição de coordenação e subordinação. O conceito se constrói mais por elencar características a cada um desses termos do que por formar uma definição propriamente dita. Assim, eles postulam que “as orações coordenadas podem estar: a) simplesmente justapostas, isto é, colocadas uma ao lado da outra, sem qualquer conectivo que as enlace; b) ligadas por uma conjunção coordenativa” (p. 610). Sobre as subordinadas, eles afirmam que elas funcionam sempre como “termos essenciais, integrantes ou acessórios de outra oração” (p. 612). Ao apontarem como um dos aspectos definidores das coordenadas o fato de estarem relacionadas a um conectivo coordenativo, acabam por limitar as orações à presença ou ausência de um conectivo que as caracterizará ou como coordenadas, ou como subordinadas. Semelhantes conceitos contribuem para restringir o estudo das orações ao nível da frase, priorizando o conectivo que as encabeça.

Percebe-se que, entre os gramáticos analisados, Bechara (1968), apesar de priorizar os aspectos sintáticos, levanta alguns pontos relevantes para o estudo de orações. Desse modo, menciona que pares como *quer... quer* e *ou... ou*, sempre exemplificados como indicadores de orações alternativas, podem denotar concessão, o que já designa uma menção a aspectos não meramente formais no que se refere à classificação de orações. Além disso, através da citação de Barreto, Bechara (1968) demonstra que uma oração tida, tradicionalmente, como coordenada assindética pode estabelecer relações de sentido equivalente a orações coordenadas sindéticas e subordinadas. Mário Barreto (*apud* Bechara, 1968, p. 273), afirma: “Mostre-se aos alunos que se pode construir (1º grau): ‘O dia está bonito; não temos que fazer; vamos passear’, ou (2º grau): ‘O dia está bonito e não temos que fazer; vamos, pois, passear. Enfim (3º grau, subordinação e período): ‘porque o dia está bonito e porque nada temos que fazer, vamos passear’”.

A partir da alusão a Barreto, Bechara (1968) permite que se questione: Se uma oração pode se desdobrar em outras constituindo relações de sentido semelhante, por que classificá-la levando em conta apenas critérios sintáticos e os conectivos que a determinam? Semelhante questionamento proporciona também uma reflexão acerca das lacunas apontadas ao se classificar coordenação relacionada à independência e subordinação à dependência, ora observando aspectos sintáticos, ora semânticos, e, por vezes, mesclando-os.

Como foram explicitados alguns conceitos sobre coordenação e subordinação, será apresentado a seguir um quadro esquemático sintetizando os critérios utilizados para classificação das orações pelos gramáticos elencados.

| <b>Autor</b>          | <b>Características/<br/>Critérios para a<br/>coordenação</b>         | <b>Características/Critérios para a<br/>subordinação</b>                                                                                              |
|-----------------------|----------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Bechara (1968)        | Critério sintático: as coordenadas são independentes sintaticamente. | Critério sintático: as subordinadas são dependentes sintaticamente.                                                                                   |
| Lima (1968)           | Critério semântico: as coordenadas possuem sentido independente.     | Critério sintático: as subordinadas são dependentes sintaticamente.                                                                                   |
| Bueno (1968)          | Critério semântico: as coordenadas possuem sentido independente.     | Critério semântico: as subordinadas por si só não constituem sentido completo.                                                                        |
| Cunha (1971)          | Critério semântico: as coordenadas possuem sentido independente.     | Critério sintático: as subordinadas são dependentes sintaticamente.                                                                                   |
| Cegalla (1997)        | Critério sintático: as coordenadas são independentes sintaticamente. | Critério semântico: as subordinadas por si só não constituem sentido completo.<br>Critério sintático: as subordinadas são dependentes sintaticamente. |
| Cunha e Cintra (2008) | Critério sintático: as coordenadas são independentes sintaticamente. | Critério sintático: as subordinadas são dependentes sintaticamente.                                                                                   |

**Quadro 1** - A coordenação e a subordinação numa visão tradicional.

## 1.2 Teoria da Estrutura Retórica

Como se pretende pautar em uma análise que observe as relações implícitas que emergem da articulação de orações, optou-se pelo estudo da Teoria da Estrutura Retórica do Texto (RST – *Rhetorical Structure Theory*).

Quando se estuda a RST, pode-se perguntar: o que se entende por retórica? Conforme Hovy (1988, *apud* PARDO, 2005, p. 9, grifo nosso), “a retórica é a parte ‘palpável da pragmática’, através da qual se estabelece a coerência de um texto”. Acrescenta Pardo (2005, p. 9):

ela é o meio pelo qual um texto é organizado para satisfazer seu objetivo comunicativo subjacente, representando, portanto, a organização funcional do texto, ou seja, qual a função de suas partes para que o objetivo comunicativo do texto seja satisfeito.

Conforme se mencionou, a Teoria da Estrutura Retórica, de um modo geral, define-se por estar relacionada a questões que se referem a coerência textual. O que significa coerência textual para a RST?

Uma possível definição de coerência é a ausência de sequências lógicas e lacunas. Ou seja, cada uma das partes de um texto coerente possui uma função, uma razão plausível para a sua existência, evidente para os leitores e, além disso, causa a impressão de que não lhe faltam quaisquer partes<sup>19</sup>.

Na RST, acredita-se que os textos são motivados por propósitos comunicativos; logo, o escritor tem uma intenção ao escolher as unidades que formam o seu texto, por isso uma análise baseada na RST se propõe a atribuir uma razão de existência para cada porção do texto e não considera que essas partes sejam simplesmente colocadas uma ao lado da outra, sem levar em conta a situação comunicativa.

Como a RST lida com partes de textos que se combinam, o observador, ao analisar as relações que emergem dessas porções, pode se deparar com dúvidas ou dificuldades, ou, até mesmo, com situações ambíguas para definir qual é a relação predominante em determinadas

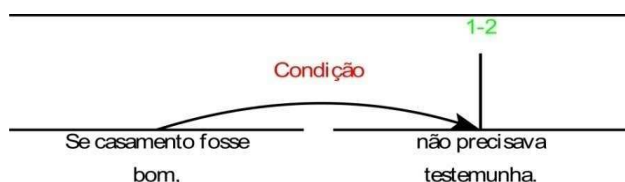
---

<sup>19</sup> Disponível em: <<http://www.sfu.ca/rst/portuguese/definitions.html>>. Acesso em: 1 mar. 2009.

porções textuais. É importante, então, procurar qual seria a relação mais adequada para uma determinada situação discursiva.

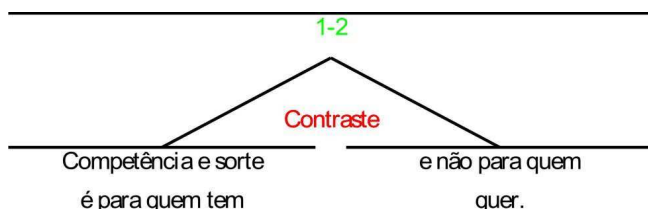
Outros aspectos importantes quanto à RST são o tipo de relação, o qual pode ser: núcleo-satélite e multinuclear. Em uma relação núcleo-satélite, constituída de uma ou mais porções textuais, a que se constitui como satélite é ancilar àquela que se configura como núcleo. Por outro lado, em relações multinucleares, as duas ou mais porções de textos presentes exercem a função de núcleo. Tais relações são representadas por meio de diagramas.

Assim, em uma relação núcleo-satélite, nos diagramas, encontram-se linhas horizontais, que representam as porções de textos; linha vertical, que demonstra qual das porções de texto se configura como núcleo e o arco que se direciona do satélite para o núcleo. Logo, numa relação de condição, por exemplo, ter-se-ia o seguinte diagrama:



Cumprе assinalar que os números (1 e 2) representam as duas porções de texto existentes, sendo a (1) a que aparece mais à esquerda, já a (2), mais à direita. Dessa maneira, *Se casamento fosse bom* representa a porção (1) e *não precisava testemunha*, a porção (2). Como o arco partiu da porção (1), essa representa o satélite. Ademais, a linha vertical está na parte (2) a qual designa o núcleo.

No que concerne às relações multinucleares, para que se entenda o diagrama, a linha de raciocínio é semelhante; entretanto, não há presença de um arco, mas de linhas diagonais que representam os núcleos presentes na relação. Para exemplificar esse tipo de relação, cita-se:



Na relação exemplificada, temos duas porções de textos (1-2) que funcionam com núcleos e estabelecem uma relação de contraste. Nesse sentido, tanto (1): *Competência e sorte é para quem tem* quanto (2): *e não para quem quer* exercem a função de núcleo.

É válido dizer que as relações apresentadas pela RST foram esquematizadas em tabelas<sup>20</sup> que contêm as suas características a fim de que, ao estudar uma determinada porção de texto, o leitor possa definir qual é a relação que melhor se aplica a uma dada situação comunicativa. Acrescenta-se também que essas relações não são fixas, já que a língua é dinâmica; portanto, novas relações podem ser definidas.

### 1.3 O gênero provérbio

Conforme já se mencionou, o *corpus* deste trabalho é constituído pelo gênero proverbial. Então, é importante delimitar o que se considera como gênero textual e, também, as principais características dos provérbios e as dificuldades de definição.

Já que serão estudados os provérbios, torna-se importante conceituar o que vem a ser a Paremiologia. Segundo Amaral (1976, p.226), “a paremiologia é o estudo das formas de expressão colectivas e tradicionais incorporadas à linguagem corrente”. A essas palavras, acrescentam-se as de Mimoso (2008, p.156): “ao estudo da descrição, da classificação, da etimologia e da pragmática dos provérbios dá-se o nome de paremiologia, palavra derivada de parêmia, sinônima de provérbio”.

#### 1.3.1 Gêneros textuais

É comum associar os gêneros a fenômenos históricos e sociais; mas qual seria a sua contribuição para o estudo de textos? Entende-se que os gêneros contribuem para ordenar as atividades comunicativas do dia a dia e são fortemente dinâmicos. Além disso, “surgem emparelhados a necessidades e atividades sócio-culturais, bem como na relação com inovações tecnológicas, o que é facilmente perceptível

---

<sup>20</sup> Os quadros estão disponíveis em:  
<<http://www.sfu.ca/rst/07portuguese/definitions.html>>.

ao se considerar a quantidade de gêneros textuais hoje existentes em relação a sociedades anteriores à comunicação escrita” (MARCUSCHI, 2003, p. 19).

Ressalte-se que, conforme Marcuschi (2003), os gêneros devem ser caracterizados mais por suas funções comunicativas, cognitivas e institucionais do que por suas propriedades linguísticas e estruturais. Isso não significa que não se devam observar os aspectos estruturais, mas sim que os funcionais tendem a se sobrepor aos mais formais na definição de um gênero. Entretanto, enfatiza-se que tal fato constitui uma tendência, já que não há como determinar; logo, há casos em que a forma define o gênero.

Nota-se que

desde que o ‘novo’ movimento de gêneros começou a florescer no início dos anos 80, tem havido uma visão amplamente consensual de que os gêneros são mais bem definidos como entidades orientadas para objetivos ou propósitos (ASKEHAVE; SWALES, 2009, p. 221).

Apesar dessa posição, é importante asseverar que não há como identificar um único objetivo ou propósito para um dado gênero, já que eles podem ter múltiplos propósitos, ou, até mesmo, propósitos contrários. Nessa perspectiva, entende-se que observar os gêneros pelos seus objetivos comunicativos é um aspecto fundamental, entretanto, não deve ser colocado como central e definitivo, mas como um dos elementos que contribuem para a análise.

Tendo em vista semelhantes questões, é relevante mencionar como o gênero textual será tratado neste trabalho. Nesse sentido, conforme Marchuschi (2003, p. 23), os gêneros textuais podem ser assim determinados:

- 1) Realizações linguísticas concretas definidas por propriedades sócio-comunicativas;
- 2) Constituem textos empiricamente realizados cumprindo funções em situações comunicativas;
- 3) Sua nomeação abrange um conjunto aberto e praticamente ilimitado de designações concretas determinadas pelo canal;
- 4) Exemplos de gêneros: telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, aula expositiva [...].

Neste trabalho, como não se pretende discutir sobre as diversas questões e definições que envolvem o estudo de gêneros textuais, a definição de Marcuschi (2003) é suficiente para atender aos objetivos pretendidos. Conforme se mencionou, serão analisadas as orações que formam o provérbio selecionado, o qual foi retirado de um texto da internet. Na análise do *corpus*, busca-se demonstrar como o provérbio e o texto selecionado se articulam e como as relações retóricas são inferidas.

### 1.3.2 Delimitando o gênero proverbial

Os provérbios, até hoje, despertam interesse pelos conhecimentos milenares transmitidos ao longo dos anos e pela beleza das suas metáforas. Mas, há como determinar precisamente quando surgiu o primeiro provérbio? Por serem geralmente de autores desconhecidos e por se caracterizarem pela atemporalidade, torna-se difícil responder com precisão a essa pergunta. Entretanto, de acordo com Amaral (1976, p. 215):

Na França, segundo Leroux de Lincy, já no século XII se faziam colecções de ‘respits’ ou ‘reprouviers’ – aos quais, no século seguinte, se começou a dar o nome erudito de ‘proverbes’, por influência dos latinos e particularmente dos provérbios de Salomão, lidos e traduzidos nas escolas universitárias. De então em diante, e sobretudo depois da descoberta da imprensa, a actividade dos coleccionadores veio num crescendo contínuo, acumulando uma bibliografia colossal.

Amaral (1976) ressalta que os primeiros livros sobre provérbios se reduziam mais a um trabalho de *coleccionador* em que os autores reuniam vários provérbios e, às vezes, faziam algum comentário sobre a sua origem e significado. Nas obras, o trabalho de seleção de provérbios se pautava em critérios, muitas vezes, subjetivos, tais como: se o provérbio é ou não *belo*, se apresenta uma linguagem adequada, se possui bom senso, etc. Amaral (1976) acredita que o grande mérito dos estudos proverbiais se deve a Leroux de Lincy na França, já que ele inovou

ao ter compreendido que as fórmulas colectivas e tradicionais podiam ser também olhadas como simples matéria de estudo,

semelhantemente a quaisquer outras coisas e fenômenos, e que portanto não havia distinguir entre fórmulas boas e más, belas ou feias, cumprindo pôr de lado todo intento de doutrinação ou qualquer ideia de finalidade prática imediata (AMARAL, 1976, p. 230).

Os estudos de Moraes (2007) permitem que se apontem algumas observações relevantes sobre os provérbios. Desse modo, ela explana que, no século XVI, na Inglaterra, os provérbios eram utilizados por grande parcela da população instruída, até mesmo com o objetivo de impressionar. Em contrapartida, no século XVIII, os provérbios praticamente não eram proferidos pela população letrada. Semelhante fato pode ser explicado, conforme Moraes, tendo em vista que “o iluminismo queria libertar-se do passado, e, nessa visão progressista, os provérbios foram considerados ‘estáticos, estereotipados, irremediavelmente mundanos’” (MORAES, 2007, p. 24). Entretanto, com o romantismo, há uma nova valorização dos provérbios, já que “a poesia e a sabedoria podiam ser encontradas tanto nas comunidades camponesas, representando a cultura popular, como no gênio solitário” (MORAES, 2007, p. 25).

Apesar de todos os aspectos apresentados, é importante destacar que foi, sobretudo, na literatura quinhentista e seiscentista que os provérbios “consolidaram espaço”, porque, a partir daí, configurou-se a sua popularização através do uso frequente em textos.

Ao se buscar uma definição para os provérbios, notou-se que eles eram vistos ora como sinônimos de adágios, máximas e anexins, ora através de diferenças entre essas denominações. Entretanto, tais diferenças são, geralmente, tênues e repletas de lacunas.

Além disso, essas dificuldades podem ser percebidas nas diversas obras presentes na literatura corrente. Nesse sentido, alguns autores tratam desse assunto, atribuindo diversas nomenclaturas, como as já citadas: adágios, provérbios, anexins, etc. Outros condensam tudo em um termo só. Ademais, “é extremamente embaraçosa a classificação racional dos dizeres colectivos. A quantidade deles é tão vasta, são tantas as suas variedades, e tão frequentemente oscilam entre tipos diversos, que é talvez impossível distribuí-los com exactidão por diferentes compartimentos” (AMARAL, 1976, p. 226).

É importante salientar que toda essa problemática na classificação dessas diversas formas populares se deve também ao fato

de tais formas remontarem à antiguidade e a civilizações mais antigas, tais como: Suméria, Egito e China. Nessa perspectiva, afirma Mimoso (2008, p.156):

Na Suméria, foram achadas 700 placas e fragmentos de provérbios que atestam a sua importância e o seu aproveitamento literário. Não se pode esquecer também o largo uso que a Bíblia deles faz. Na Grécia, Aristóteles, Demócrito e Sófocles a eles recorreram bastas vezes e em Roma foram Catão, Cícero e Sêneca os seus principais cultores.

Tendo em vista as diversas lacunas presentes nas definições que pretendem distinguir provérbios de máxima, de adágio, de dito, anexam, entre tantos outros, neste trabalho, optou-se por não estabelecer diferenças de nomenclatura; portanto, tudo será designado por meio do rótulo de *provérbio*. Nesse sentido,

embora haja algumas diferenças, mais ou menos acentuadas, entre todos esses conceitos, elas não têm sido enfatizadas pelos autores que os antologizaram nem pelos escritores que nas suas obras a eles recorreram, pelo que se torna particularmente difícil distingui-los entre si, tanto mais que, na maioria dos casos, não há também da parte dos autores qualquer identificação das fontes utilizadas ou das formas importadas (MIMOSO, 2008, p. 152).

Como se sabe, os provérbios não são dotados de um valor científico, caracterizam-se por transmitir conhecimentos da experiência do dia-a-dia, por isso não há como observá-los como uma verdade definida, não passível de questionamentos ou dúvidas. Além disso, o seu comprometimento não é com a verdade dos fatos, mas com a transmissão de aspectos culturais passados de gerações em gerações.

Outra questão interessante acerca desse gênero textual é que, como explica Xatara e Oliveira (2002, *apud* BITTENCOURT, 2005), os provérbios “variam em termos de estruturação linguística, conteúdo, finalidade, aplicabilidade pedagógica” (p. 149). Tais características reforçam o que já havia sido apontado: os provérbios não se configuram como estruturas tão simples como muitos mencionam. Ademais, “elemento facilitador da memorização, essa estruturação reduzida – unicategorial, ou binominal – na realidade, envolve uma

operação cognitiva complexa, que [...] pode determinar certa obscuridade de sentido [...] (BITTENCOURT, 2005, p. 149)”. Para que se entenda esse esforço cognitivo que os provérbios podem demandar, observe, por exemplo, um dicionário de provérbios de várias línguas; se entre esses for escolhido um provérbio inglês para analisar, mesmo que se tenha um conhecimento aprofundado da língua inglesa, e não sendo tal provérbio do seu conhecimento, pode-se deparar com dificuldades para traduzi-lo para o português e, principalmente, para lhe atribuir um sentido coerente. Acredita-se que semelhante fato é possível de ser explicado levando em conta que o aspecto cultural exerce um papel importante no entendimento dos provérbios.

Pelas razões apresentadas, considera-se que não se deve designar os provérbios como formas simples ou *pobres*. Nesse sentido,

até mesmo no plano gramatical, conforme se deixou entrever, é possível testemunhar o nível da elaboração de expressões gramaticais. Em termos sintáticos, várias delas fogem aos cânones da língua, apresentando deslocamentos de termos intraoracionais, estruturas binominais, omissões de itens verbais, etc. Conforme comprovam os exemplos: Na barba do tolo, aprende o barbeiro novo (Posposição do sujeito); Justiça demorada, injustiça é (Anteposição do predicativo do sujeito) [...] (BITTENCOURT, 2005, p. 150).

A presença de trocadilhos, de rimas, o uso de parônimos e antônimos e de metáforas concedem aos provérbios uma peculiaridade própria, revestindo-os de características que permitem considerar uma dada porção de texto como provérbio.

Nota-se também que eles são fáceis de decorar em virtude do seu formato curto e direto. Outro fato a destacar é que tratam de vários temas e constituem parte da cultura popular da humanidade, por isso são encontrados nas mais diversas situações de vida.

Os provérbios são vistos, frequentemente, como estruturas fixas e cifradas; entretanto, observa-se que não podem receber tais rótulos em razão de serem altamente produtivos, de grande circulação; e a maneira como são estruturados, além de facilitar a memorização, permite a criação de novos provérbios. Por todos os motivos elucidados, acredita-se que não se deve defini-los como estruturas fixas.

Na seqüência, apresenta-se um quadro sucinto de tudo que já foi esboçado, destacando as principais características do gênero proverbial.

|                                             |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
|---------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Qual é o conceito desse gênero?</b>      | Pode-se dizer que os provérbios representam a expressão do conhecimento e da experiência popular traduzida em poucas palavras. Geralmente, apresentam-se de maneira rimada e ritmada, muitas vezes, na forma de uma metáfora. Além disso, transmitem conhecimentos comuns sobre a vida e estão relacionados a aspectos universais dela, o que os reveste de um caráter atemporal. |
| <b>Quem o produz?</b>                       | Não há uma pessoa específica para produzi-los. Os provérbios foram se constituindo ao longo dos anos, muitos deles foram criados na Antiguidade. Logo, são produzidos por uma dada sociedade, representando uma determinada cultura.                                                                                                                                              |
| <b>Qual o propósito?</b>                    | Um dos seus principais intuítos é fixar na memória coletiva a experiência social humana, além de sintetizar uma mensagem e empregar, por vezes, metaforicamente uma ideia.                                                                                                                                                                                                        |
| <b>Onde circula?</b>                        | Em textos diversos: contos populares, romances, artigos de revistas e jornais, na <i>internet</i> , nas conversas cotidianas, etc.                                                                                                                                                                                                                                                |
| <b>Quando?</b>                              | Os provérbios estão sempre presentes, não há como determinar uma periodicidade para eles.                                                                                                                                                                                                                                                                                         |
| <b>Quem lê?</b>                             | Todas as faixas etárias têm acesso aos provérbios. Assim, crianças, jovens, adultos e idosos os lêem.                                                                                                                                                                                                                                                                             |
| <b>Por que ler?</b>                         | Para se divertir, para conhecer uma determinada cultura e, até mesmo, para utilizá-los como conselhos por estarem relacionados à sabedoria popular.                                                                                                                                                                                                                               |
| <b>Possível influência de leitura</b>       | Pode levar a pessoa a considerá-lo como um conselho, como um ensinamento para ser utilizado no dia-a-dia.                                                                                                                                                                                                                                                                         |
| <b>Reação em resposta à leitura textual</b> | Aceitar o provérbio como um conselho ou simplesmente como uma “máxima”, sem encará-lo como algo a ser seguido.                                                                                                                                                                                                                                                                    |

|                                      |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
|--------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Estrutura textual prototípica</b> | O provérbio é fácil de decorar e transmitir em função de seu formato simples, curto e direto. Apresenta-se na linguagem verbal. Diz respeito a assuntos variados e faz parte da cultura popular da humanidade.                                                                                                                                                                    |
| <b>Mecanismos linguísticos</b>       | Uma das características linguísticas que chama atenção é a presença das metáforas. Ademais, no que concerne à estruturação fônica, os provérbios apresentam uma entonação, métrica e ritmo próprios, fazem uso frequente de aliterações, assonâncias e rimas. A métrica, a rima e a cadência fônica auxiliam na memorização da mensagem. Há um predomínio da linguagem coloquial. |

**Quadro 2** - Definição do gênero Provérbio<sup>21</sup>.

Como se pretende pensar a língua em uma situação de uso, o estudo dos provérbios contribui para que, na análise das orações, levemos em conta não só os aspectos formais, mas também os semântico-pragmáticos, já que os provérbios estão intimamente relacionados à cultura popular.

## 2 Metodologia

O provérbio selecionado foi *Rapadura é doce, mas não é mole*, pertencente a um dos textos do *corpus* da minha dissertação. Selecionou-se esse provérbio de um dicionário de provérbios e, em seguida, procurou-se a ocorrência dele em textos da internet por meio do *site* de busca *Google*. Para escolha do texto, o provérbio deveria estar no título, no corpo do texto ou em ambos. Dividimos o provérbio em orações, considerando a concepção tradicional. O provérbio foi selecionado com negrito e itálico e a as partes do texto que justificam o uso do provérbio foram sublinhadas. Além disso, o texto selecionado foi apresentado em itálico a fim de facilitar a identificação do texto pelo leitor. Por fim, propomos uma análise da estrutura retórica do provérbio e apresentamos o diagrama.

<sup>21</sup> Ressalte-se que este quadro foi elaborado a partir da proposta da Profa. Dra. Regina L. Péret Dell’Isola durante o curso de *Gêneros e Tipos Textuais*, por ela ministrado, na UFMG.

### 3 Proposta de Análise

**Rapadura é doce, mas não é mole.**

Orações:

- 1) Rapadura é doce,
- 2) mas não é mole.

### **COMO SIMPLIFICAR UM TEXTO CIENTÍFICO**

*Beto Holsel*

*Muitos textos científicos são escritos numa linguagem de difícil compreensão para o grande público. Torna-se necessário traduzi-los para torná-los mais acessíveis ou, pelo menos, para uma difusão mais extensiva da profundidade do pensamento científico. Isto pode ser feito com aplicação de um método engenhoso que consiste na reunião de conceitos fragmentados em outros mais abrangentes que, numa sucessão progressiva de sínteses - ou estágios - reduzem a complexidade do texto original até o nível de compreensão desejado.*

*Se estas colocações parecem ainda obscuras ou abstratas - o que mostra que são científicas - um exemplo muito simples ilustrará o método e facultará ao leitor esperto praticá-lo em outros textos. O exemplo que daremos a seguir é o de um texto altamente informativo em que são discerníveis elementos de Química, Física, Botânica, Geometria e outras disciplinas.*

*Como se verificará, entretanto, essa massa de compreensão pode ficar mais próxima. Ao final do quinto estágio, surgirá, clara e límpida, a síntese mais refinada daquele texto, antes incompreensível, que brilhará singela e cristalina, evidenciando a eficácia do nosso método.*

### **TEXTO ORIGINAL**

*O dissacarídeo de fórmula  $C_{12}H_{22}O_{11}$ , obtido através da fervura e da evaporação de  $H_2O$  do líquido resultante da prensagem do caule da graminea *Saccharus officinarum*, Linneu, isento de qualquer outro tipo de processamento suplementar que elimine suas impurezas, quando apresentado sob a forma geométrica de sólidos de*

*reduzidas dimensões e arestas retilíneas, configurando pirâmides truncadas de base oblonga e pequena altura, uma vez submetido a um toque no órgão do paladar de quem se disponha a um teste organoléptico, impressiona favoravelmente as papilas gustativas, sugerindo a impressão sensorial equivalente provocada pelo mesmo dissacarídeo em estado bruto que ocorre no líquido nutritivo de alta viscosidade, produzindo nos órgãos especiais existentes na Apis mellifica, Linneu.*

*No entanto, é possível comprovar experimentalmente que esse dissacarídeo, no estado físico-químico descrito e apresentado sob aquela forma geométrica, apresenta considerável resistência a modificar apreciavelmente suas dimensões quando submetido a tensões mecânicas de compressão ao longo do seu eixo em consequência da pequena deformidade que lhe é peculiar.*

### **PRIMEIRO ESTÁGIO**

*A sacarose extraída da cana de açúcar, que ainda não tenha passado pelo processo de purificação e refino, apresentando-se sob a forma de pequenos sólidos tronco-piramidais de base retangular, impressiona agradavelmente ao paladar, lembrando a sensação provocada pela mesma sacarose produzida pelas abelhas em um peculiar líquido espesso e nutritivo.*

*Entretanto, não altera suas dimensões lineares ou suas proporções quando submetida a uma tensão axial em consequência da aplicação de compressões equivalentes e opostas.*

### **SEGUNDO ESTÁGIO**

*O açúcar, quando ainda não submetido à refinação e, apresentando-se em blocos sólidos de pequenas dimensões e forma tronco-piramidal, tem o sabor deleitável da secreção alimentar das abelhas, todavia não muda suas proporções quando sujeito à compressão.*

### **TERCEIRO ESTÁGIO**

*Açúcar não refinado, sob a forma de pequenos blocos, tem o sabor agradável do mel. Porém não muda de forma quando pressionado.*

### **QUARTO ESTÁGIO**

*Açúcar mascavo em tijolinhos tem o sabor adocicado, mas não é macio ou flexível.*

### **QUINTO ESTÁGIO**

***Rapadura é doce, mas não é mole.***

Conforme se observa, esse texto constitui uma explicação passo a passo de como simplificar a leitura de um texto científico, o qual se constrói de uma maneira bem interessante. Nele, o provérbio utilizado é tanto um resumo do texto original quanto dos presentes nos outros estágios. Assim, a escolha do provérbio produz coerência ao texto como um todo, já que retoma o que havia sido dito sobre as propriedades do açúcar mascavo: o fato de agradar o paladar e de não ser flexível. Semelhantes pontos são demonstrados ao longo de todo o texto; logo, *rapadura é doce* pode ser exemplificada por *impressiona agradavelmente ao paladar*; *tem o sabor deleitável*; *tem o sabor agradável do mel*, entre outros. Já a expressão *não é mole* é exemplificada por: *não muda de forma quando pressionado*, *não é macio ou flexível*, etc.

Numa análise tradicional, a presença do *mas* poderia conduzir a uma classificação de coordenada sindética adversativa para a segunda oração.

Entende-se que, no que se refere às relações retóricas, a relação que prevalece é de concessão, já que há uma potencial incompatibilidade entre o núcleo (*Rapadura é doce*) e o satélite (*mas não é mole*), o que permite parafrasear: *Rapadura é doce, embora não seja mole*. Além disso, tal fato contribui para que se leve em conta também que a palavra *doce*, geralmente, passa a característica de algo

frágil; então, o *não ser mole* seria incompatível com essa ideia de fragilidade.

A principal dificuldade encontrada, ao classificar esse provérbio, foi definir qual das porções textuais estaria estabelecendo a relação de concessão. Nesse sentido, em casos como *Rapadura é doce, mas não é mole*, poder-se-ia questionar qual seria a melhor forma: *Embora rapadura seja doce, ela não é mole* ou *Rapadura é doce, embora não seja mole*? Apesar dessas duas possibilidades, optou-se por considerar a segunda paráfrase. Nesse sentido, a primeira parte funciona como núcleo, e a segunda, como satélite, estabelecendo uma relação de concessão. Fez-se essa escolha por se entender que, na relação de concessão, o autor pressupõe uma objeção do leitor ao que é dito e, apesar disso, predomina a ideia apresentada na porção presente no núcleo. Desse modo, preferiu-se considerar que a objeção estaria presente em *mas não é mole*, por isso, optou-se por designar essa porção textual como satélite.

Hermodsson (*apud* NEVES e ZAMPRONEO, 1999, p. 561) afirma que:

tanto na oração nuclear quanto na oração subordinada, podem ocorrer expressões que falam explicitamente de um consentimento, e cita os exemplos: ‘Embora, **como eu quero admitir**, o Reno esteja contaminado, muitos peixes vivem lá’ e ‘Embora o Reno esteja contaminado, vivem, **como eu quero admitir**, muitos peixes lá’, nos quais o verbo **admitir** tem como escopo, no primeiro exemplo, a oração concessiva, e, no segundo exemplo, a oração nuclear.

Essa citação de Hermodsson comprova que, muitas vezes, é difícil estabelecer qual seria a concessiva e qual seria a nuclear, já que aquela que funciona como nuclear pode exercer papel de concessiva e vice-versa. Apesar de se ter escolhido uma das opções, levando em conta que é preciso determinar qual seria o núcleo e o satélite no diagrama da RST, sabe-se que, nesses tipos de orações que se articulam, é problemático decidir com precisão o núcleo e o satélite.

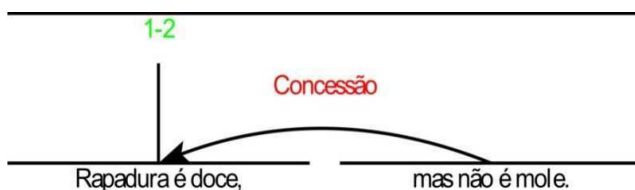
Conforme foi dito, neste trabalho, os provérbios representam a expressão do conhecimento e da experiência popular traduzida em poucas palavras. Quando se depara com *Rapadura é doce, mas não é mole*, é possível pensar em algumas situações que esse provérbio poderia ocorrer, tais situações sempre seriam repletas de contrastes e

incompatibilidades. Assim, o provérbio, de um modo geral, transmite a ideia de que por mais que se *vivencia* um momento agradável ou confortável, por exemplo, sempre haverá algum obstáculo para enfrentar.

Nota-se que uma análise do provérbio fora de um contexto, apenas considerando as partes que o constituem *Rapadura é doce, /mas não é mole*, já permite que depreendamos um sentido para esse provérbio; pois, conforme se explicitou, um dos principais intuítos do provérbio é fixar na memória coletiva a experiência social humana.

A incompatibilidade detectada no provérbio (ser doce *versus* não ser mole) refletiu-se também no texto analisado - *Como simplificar um texto científico* -, além de permitir que, devido a essa incompatibilidade, fosse possível estabelecer uma relação retórica de concessão.

Portanto, ter-se-ia o seguinte gráfico do provérbio:



## Conclusão

A Gramática Tradicional, ao analisar as orações, não leva em conta o nível do discurso no qual as porções de texto estão inseridas, deixando de lado os aspectos pragmáticos, as intenções, os contextos situacionais, as funções comunicativas. O mesmo ocorre com muitos trabalhos que são desenvolvidos por diferentes correntes linguísticas. Nota-se que tais análises são insuficientes, assim, para o estudo de orações, é necessário considerar também a função discursiva.

Percebeu-se a importância dos provérbios, neste trabalho, já que eles estão relacionados a fatores culturais, sendo caracterizados pelo estilo coloquial, o que permite não se limitar à estaticidade da língua padrão, percebendo a língua como uma estrutura dinâmica, passível de variações.

Quanto ao estudo da RST, foram encontradas algumas dificuldades. Por mais que o quadro de relações apresentado não seja definitivo e que novas relações possam ser definidas, ele acaba por limitar as relações àquela lista fechada, e as condições apresentadas

para distinguir uma relação da outra são, por vezes, insuficientes. Desse modo, no provérbio *Rapadura é doce, mas não é mole*, em que emerge a relação retórica de concessão, é possível estabelecer duas paráfrases: 1) *Embora rapadura seja doce, ela não é mole* e 2) *Embora a rapadura não seja mole, ela é doce*. Então, como definir qual porção do texto representaria o satélite e qual representaria o núcleo? Se for considerada a primeira paráfrase como a mais adequada, deparar-se-á com designações para o núcleo e o satélite diferentes das que serão apresentadas para a segunda paráfrase. Deseja-se dizer, portanto, que as condições apresentadas para caracterizar as orações nem sempre permitem definir com precisão uma relação e representá-la de forma coerente no gráfico.

Apesar de tais constatações, acredita-se que o estudo das relações retóricas é de significativa relevância por valorizar uma análise que não se prenda ao nível da frase, mas que leve em conta também as relações implícitas.

## Referências

AMARAL, Amadeu. *Tradições populares*. São Paulo: Instituto Progresso Editorial S.A, 1976.

ASKEHAVE, Inger; SWALES, John. Identificação do gênero e propósito comunicativo: uma proposta e uma possível solução. In: BEZERRA, Benedito Gomes; BIASI-RODRIGUES, Bernardete; CAVALCANTE, Mônica (Orgs). *Gêneros e sequências textuais*. Recife: EDUPE, 2009. p. 221-247.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 13. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1968.

BECHARA, Evanildo. *Gramática escolar da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

BITTENCOURT, Vanda de Oliveira. O provérbio é a voz do povo, e o povo, a voz de Deus: a voz da parêmia no diário de Helena Morley. *Revista Scripta*. Belo Horizonte, v. 8, n. 16. 2005, p.148-164.

BUENO, Francisco da Silveira. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 7. ed. São Paulo: Saraiva, 1968.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 40. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1997.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luis Filipe Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

CUNHA, Celso. *Gramática do Português Contemporâneo*. 2. ed. Belo Horizonte: Bernardo Alvares S. A, 1971.

HOLSEL, Beto. Como simplificar um texto científico. *Instituto de Matemática e Estatística*. Disponível em: <<http://www.ime.usp.br/~vwsetzer/jokes/simpl-texto.html>>. Acesso em: 8 set. 2010.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros Textuais: definição e funcionalidade. In: Dionísio, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs). *Gêneros textuais e ensino*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003. p. 20-36.

MEIRA, A. C. G. A. A articulação de orações em provérbios do português em uso: uma análise das relações retóricas. 2011. 150f. Dissertação (Mestrado em Linguística Teórica e Descritiva). Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte/MG, 2011.

MIMOSO, Anabela Brito de Freitas. Provérbios uma fonte para a História da Educação. *Revista Lusófona de Educação*, v. 12, p. 155-163, 2008.

FREGONESI DE MORAES, Ana Luisa. *Um estudo do discurso publicitário*: a construção dos ditos populares e dos provérbios pela mídia. 2007. 155 f. Dissertação (Mestrado em Letras – Estudos Linguísticos). Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, 2007.

NEVES, Maria Helena de Moura; ZAMPRONEO, Silvana. As construções concessivas. In: CASTILHO, A. T.(org.). *Gramática do Português Falado*. v. VII. Campinas: Ed. Unicamp, 1999, p. 545-591.

PARDO, Thiago Alexandre Salgueiro. *Métodos para análise discursiva automática*. 2005. 195 f. Tese (Doutorado em Ciências de Computação e Matemática Computacional) - Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação, Universidade de São Paulo, São Carlos-SP, 2005.

LIMA, Carlos Henrique da Rocha. *Gramática normativa da língua portuguesa*: Rio de Janeiro: F. Briguiet, 1968.

RST. *Definições das relações.* Disponível em:  
<<http://www.sfu.ca/rst/07portuguese/definitions.html>>. Acesso em: 01  
mar. 2009.

*Recebido em 15 de julho de 2011*

*Aceito em 05 de outubro de 2011*